

Marina Di Napoli Pastore
Flávia Ferreira Pires

Editor-Gerente

[Ivaldo Marciano de Franca Lima](#)

Editores

[Detoubab Ndiaye](#), Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Campus II

[Dr. Pedro Acosta Leyva](#), UNILAB - São Francisco do Conde /Ba, Brasil

CRIANÇAS MOÇAMBICANAS EM TEMPO DE DISTANCIAMENTO SOCIAL

MOZAMBICAN CHILDREN IN TIME OF SOCIAL DISTANCING

RESUMO: O distanciamento social, enquanto medida adotada no contexto da pandemia do COVID-19, impactou a vida social e econômica de muitos países. Em tal contexto, a vida das crianças também ficou profundamente transformada, sobretudo, com a dinâmica familiar e com a suspensão das aulas presenciais. Em Moçambique, o cenário não tem sido diferente. Como as crianças têm vivenciado a vida cotidiana neste momento? Elas têm tido possibilidade de brincar? De que forma o brincar tem se expressado? Partindo dessas indagações, neste artigo interpretamos dados constituídos em pesquisa de pós-doutorado em andamento, realizada com crianças moçambicanas residentes em Maputo e na cidade de Matola. A partir de entrevistas online, foram levantados tópicos principais ligados à vida cotidiana para a análise quantitativa e preliminar de dados. O brincar, como atividade e saber das crianças, permanece como relevante na compreensão das crianças que estão igualmente envolvidas com um grande número de outras atividades e interesses.

PALAVRAS-CHAVE: Crianças Moçambicanas; Brincar; Pesquisa On-line.

ABSTRACT: Social distancing, as a measure adopted in the context of the COVID-19 pandemic, impacted the social and economic life of many countries. In this context, the children's lives were also profoundly transformed, especially with family dynamics and the suspension of classroom classes. In Mozambique, the scenario has not been different. How have children experienced everyday life at this time? Have they been able to play? How has play been expressed? Based on these questions, in this article we interpret data constituted in an ongoing postdoctoral research conducted with Mozambican children living in Maputo and the city of Matola. From online interviews, main topics related to everyday life were raised for quantitative and preliminary data analysis. Play, as an activity and knowledge of children, remains relevant in the understanding of children who are equally involved with a large number of other activities and interests.

KEYWORDS: Mozambican Children; Play; Online Research.

CRIANÇAS MOÇAMBICANAS EM TEMPO DE DISTANCIAMENTO SOCIAL¹

Marina Di Napoli Pastore ²
Flávia Ferreira Pires ³

Introdução

O brincar das crianças moçambicanas desde o sul de Moçambique, enquanto objeto dos estudos, tem permeado a trajetória da Pastore a partir do mestrado⁴ e, posteriormente, no doutorado⁵, cuja temática foi o brincar e a produção de saberes e trocas das e entre as crianças, enfatizando principalmente os espaços da vida coletiva, públicos, abertos. Com a pandemia do novo corona vírus, SARS-CoV2, tais espaços foram imediatamente afetados reverberando e modificando os cotidianos, principalmente o das crianças e seus modos de brincar.

Tendo em vista as modificações sofridas pelos cotidianos neste novo contexto, em que as dinâmicas familiares e a suspensão de aulas se tornaram uma realidade, o objetivo deste artigo é apresentar os resultados parciais de pesquisa de pós-doutorado em andamento. A pesquisa vem sendo realizada com crianças moçambicanas, por meio digital e online, numa continuidade do campo de pesquisa anterior voltada para o brincar e as relações entre crianças e infâncias moçambicanas.

Atualmente, Moçambique é constituído por 27.909.798 habitantes, dos quais a predominância é do sexo feminino (52% da população total). Com relação à idade, 53,1% da população é constituída por crianças de 0 a 17 anos e 11 meses de idade, sendo a média de idade da população de 16,6 anos; ou seja, Moçambique é considerado um país jovem, em que a maior

¹ Nota de esclarecimento: esse artigo foi concebido pela primeira autora e contou com a colaboração da segunda autora. A pesquisa é parte de um pós-doutorado em andamento em que a primeira autora é a pesquisadora e a segunda autora é a supervisora. Agradecemos ao programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba o apoio e carinho daqueles que fazem o grupo de pesquisa CRIAS – Criança, Cultura e Sociedade, à Denise Dias Barros pelas trocas e parceria, e sobretudo às crianças e famílias moçambicanas.

² Doutora em Terapia Ocupacional pelo Programa de Pós-graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pós-doutoranda em Antropologia pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFPB, vinculada ao Grupo de pesquisa CRIAS-UFPB; pesquisadora do Núcleo Amanar - Casa das Áfricas e Professora Colaboradora do curso de Terapia Ocupacional do ISCISA, Maputo, Moçambique. O texto submetido é 100% inédito e não se encontra em processo de julgamento em nenhum outro periódico ou coletânea. Contato: marinan.pastore@gmail.com

³ Professora Associada da Universidade Federal da Paraíba, atua na Pós-Graduação em Sociologia (UFPB) e na Pós-Graduação (UFPB); mestre e doutora em Antropologia Social (UFRJ, Museu Nacional); pós-doutorado pela UFRJ, Museu Nacional (antropologia social), Sheffield University (sociologia) e UFMG (educação). Pesquisadora do CNPq, membro da Global Young Academy, Líder do grupo de pesquisa CRIAS: Criança, Cultura e Sociedade. Mãe de duas meninas pequenas. E-mail: ffp23279@gmail.com

⁴ Dissertação intitulada *Sim! Sou criança eu. Dinâmicas de socialização e universos infantis em uma comunidade moçambicana*, defendida em 27 de fevereiro de 2015 no Programa de Pós Graduação em Terapia Ocupacional da UFSCar.

parte da sua população é constituída por crianças na faixa etária entre os 0 e os 10 anos⁶. Com a disseminação global do novo corona vírus, os países foram instados a adotar uma série de medidas emergenciais a fim de reduzir o ciclo de transmissão, dentre elas o fechamento das escolas fechadas. Com esta medida, estima-se que as mais de 14 milhões e 820 mil crianças estão em casa, no convívio familiar, ou mesmo pelas ruas da comunidade. Ou seja, estima-se que há quase 14 milhões de crianças que se encontram, na maior parte do tempo, em espaços domésticos fechados, sem políticas assistenciais e atividades direcionadas, desde o início da pandemia.

A partir da compreensão dessa nova perspectiva e vivência de mundo instaurada com a pandemia, o brincar, como linguagem e saber das crianças, em ambientes fechados e sem maiores trocas entre pares, se coloca como um desafio para os pais e responsáveis pelas crianças, bem como para as próprias crianças. Ao colocar em xeque a visão de infância única e situá-la a partir de seus contextos, tempos e espaços, além de questões socioculturais e históricas, o brincar tem sido um dispositivo potente de criação no qual as crianças encontram e traçam diversos caminhos possíveis para suas pluriversidades.

Procedimentos metodológicos: a pesquisa em meio digital

Por questões de isolamento e distanciamento social, os quais temos vivenciado em meio a pandemia do Covid-19, a pesquisa tem adotado uma metodologia híbrida, mesclando a etnografia e a netnografia, ou seja, uma etnografia virtual. Para este artigo, é apresentada parte da metodologia, com ênfase na pesquisa virtual, que se constitui, neste primeiro momento, de um mapeamento possível das crianças participantes do estudo, o uso de questionário e as formas possíveis de realização: entrevistas por áudio, por telechamadas ou videochamadas, bem como a devolutiva do questionário escrito.

É importante ressaltar o desafio em mudar o foco do trabalho de campo das comunidades contextualizadas para as comunidades virtuais, como se virasse uma chave do real concreto para o real no interior daquele imaginário online. Buscar o brincar valendo-se de meios eletrônicos se torna um desafio por diversas questões: acesso das pessoas à internet, ainda limitada no país; diferença de fuso horário e de realidades no que diz respeito ao acesso a diferentes meios; tipo de classe social que acessa tais serviços; disponibilidades dos pais ou responsáveis na interação com a pesquisadora, bem como das crianças; língua em que se darão os acordos, pois, embora a

⁵ Tese intitulada *Brincar-brinquedo, criar-fazendo: entrelaçando pluriversos de crianças e infâncias desde o sul de Moçambique*, defendida em 13 de fevereiro de 2020 no Programa de Pós Graduação em Terapia Ocupacional da UFSCar.

língua oficial de Moçambique seja o português, muitos dos responsáveis pelas crianças com as quais interagem não são falantes e/ou leitores de português, sendo necessário um intérprete (que, nos casos de pesquisa anteriores, foram as próprias crianças), ou ainda a dificuldade na leitura e escrita. Isso faz pensar um desenho de pesquisa diferente, agrupando classes de crianças com as quais já se trabalhou em pesquisas anteriores e que são conhecidas, e de crianças com as quais ainda não se trabalhou, que são as de classe média e classe média alta.

Algumas questões se tornaram condutoras das entrevistas: com o isolamento social e as diretrizes restritivas adotadas, dentre as quais a suspensão das aulas, como tem se dado esse brincar e esse encontro com o meio externo? As crianças têm brincado? Como tem sido esse brincar? E as brincadeiras, continuam as mesmas ou houve modificações? O que as crianças têm aprendido ficando em casa? Quais relações se mantêm? Quais relações surgiram? Qual a diferença de isolamento entre as classes sociais? Quais crianças mantiveram parte das suas atividades cotidianas e quais são essas atividades? Haveria, então, uma nova configuração do brincar e do aprender?

A primeira parte da pesquisa foi realizada de modo online em diálogos com familiares e crianças já conhecidas anteriormente por meio das plataformas digitais *WhatsApp* e *Facebook*. Vale lembrar que há diferenças entre elas, pois o *WhatsApp* é um aplicativo para celulares que funciona a partir do acesso à internet, onde os diálogos são estabelecidos por troca de mensagens de forma mais particular, sendo individualizados e pensados a partir e com cada criança, podendo ser realizadas chamadas por áudio ou vídeo⁷. O *Facebook*, por sua vez, é uma rede social que tem como uma de suas principais características a troca de mensagens entre os usuários, sejam privadas ou públicas, por meio individual, em grupos ou em fóruns, com possibilidade também de gravações em áudio, ligações e troca de imagens e vídeos⁸.

Buscou-se, em ambas plataformas, interagir com as crianças para compreender a viabilidade trocas e participação com base em perguntas e respostas, abrindo, porém, o diálogo a questionamentos. Porém, havia grande dificuldade de acesso à internet por algumas crianças em razão da situação socioeconômica, resultando em baixo número de adesão. Desse modo, compreendendo que o contato precisaria de facilitação efetiva de familiares cuidadores, suas mães ou pais, fez-se recurso a redes de relações da primeira autora para a identificação de grupos nas redes sociais em que participassem esses pais. Assim, um grupo de mães no *WhatsApp* foi contactado, mas apenas 3 mulheres responderam positivamente. Em um grupo no *Facebook*, voltado para vendas e trocas de produtos em Moçambique, 68 mães responderam

⁶ INE. Instituto Nacional de Estatística. Resultados definitivos do IV Recenseamento geral da População e Habitação. Maputo. Moçambique. 2017. Visualizado em: <http://www.ine.gov.mz/>. Acesso em novembro de 2019.

⁷ WHATSAPP. Políticas de dados e recursos. 2009.

⁸ FACEBOOK. Termos, políticas de dados e políticas de cookies. Página inicial. 2004.

afirmativamente ao convite feito. Elas mesmas solicitaram o questionário para apresentarem aos filhos e, após terem sido respondidos, retornariam. Em ambos grupos, uma apresentação pessoal e dos objetivos da pesquisa foi realizada. Pouco a pouco, conforme o aceite das mães ocorria, intensificaram-se as trocas de mensagens, permitindo um processo mais dialógico, direto, individual e menos rígido.

Cada uma das mulheres mediadoras foi contactada por mensagem privada, no próprio *Facebook*, por e-mail ou mesmo pelo telefone. A forma de responder às perguntas acomodou-se às disponibilidades e preferências de pais (geralmente mães) e das crianças. A pesquisa efetivou-se em encontros virtuais previamente marcados com as crianças e seus responsáveis, seguindo roteiro com perguntas predefinidas (anexado ao final do artigo). Já a dinâmica com as crianças caracterizou-se como dinâmica fluida, “livre de amarras, informal e aberta dentro das limitações já conhecidas”, possibilitando o surgimento e comunicação sócio-afetiva-existencial (MINAYO, 2004, p. 122). Desse modo, as conversas foram informais mesclando temas livres e perguntas do roteiro. Esse contexto interativo dos encontros permitiu tanto o entendimento dos modos como as crianças têm lidado com a situação atual quanto de seus recursos imaginativos e criativos para ora inventar, ora reproduzir suas brincadeiras, elaborar e se relacionar em situações de distanciamento físico e restrições nas interações interpessoais.

A metodologia da pesquisa construída em interações virtualizadas constitui um desafio que implica refletir, igualmente, sobre sua dimensão ética. Emergiram daí preocupações com questões como: considerando esse momento em que as mães se encontram sobrecarregadas com as atividades domésticas, de trabalho e escolares das crianças, como realizar uma pesquisa que não as demandasse ainda mais? Nesse sentido, após resposta afirmativa ao convite de participação no estudo, mediante mensagens individuais, era discutido o modo de dar seguimento aos procedimentos. As mulheres indicaram se trabalhariam com os filhos enviando as respostas ou se facilitaria encontros da pesquisadora com as crianças, definiram também se seriam trocas de áudios gravados, chamadas telefônicas ou videoconferência. Ocorreram desistências explícitas e casos em que as mães não deram retorno em alguma fase, sendo excluídas da pesquisa.

Para as mães que responderam afirmativamente e permitiram o contato com as crianças, foi enviado um áudio explicando a pesquisa, se as crianças poderiam ajudar com um TPC⁹ (trabalho de casa) da pesquisadora sobre a situação do corona vírus e como estava sendo o dia a dia delas, com interesse principalmente no brincar e que, caso elas pudessem ajudar, que

⁹ TPC é um acrônimo de “trabalho para casa”, equivalente à lição de casa, ou seja, tarefas dadas pela escola/professores para os alunos realizarem em casa.

escolhessem como queriam fazer. Com o aceite das crianças, as entrevistas foram realizadas, até o momento, com um total de 66 crianças.

À medida que as crianças participavam das entrevistas, foi possível realizar outras perguntas que não estavam no questionário inicial, a partir do que surgiu no encontro online e da disponibilidade das crianças para relatar sobre o brincar e suas brincadeiras, bem como outras questões de sua vida: escola, entendimento sobre o vírus, saúde, ficar em casa. Para algumas crianças, ainda foi possível pedir um desenho sobre o momento que passamos, tendo como centralidade o corona vírus.

As questões éticas encontram-se pautadas pelo código de ética da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e pelos parâmetros das pesquisas com crianças apreendidos em Moçambique com o curso “Ética na pesquisa social, realizado pela Unicef Moçambique em parceria com a Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, em 2017, em diálogo com pesquisadores e estudos das infâncias e suas relações éticas (PIRES, 2007).

Entendendo-se criança como “todo indivíduo moçambicano dos 0 aos 18 anos de idade”, segundo a Constituição da República, a participação das crianças nesta pesquisa tem compreendido a faixa etária dos 3 aos 15 anos, levando em consideração também as definições que as próprias crianças estabeleceram em pesquisas anteriores, segundo as quais elas entendem que são crianças até os 15 anos, quando passam a ser vistas como pré-adolescentes ou mesmo adolescentes (PASTORE, 2015, 2020a). Participaram crianças tanto da cidade de Maputo quanto da cidade da Matola (província de Maputo).

Os dados e análises preliminares são apresentados e discutidos abaixo, de maneira quantitativa e exploratória. A continuidade da pesquisa se mantém com a análise qualitativa posterior, a partir dos achados até o momento e das possíveis entrevistas que ocorrerem, além dos desenhos, que serão trazidos em artigos futuros.

Linha do tempo do Covid-19 em Moçambique: contextualização do estudo

Após a confirmação do primeiro caso do novo corona vírus na África do Sul, em 6 de março de 2020, o presidente moçambicano convocou os cidadãos a seguirem as recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS) e reforçou o monitoramento policial nas ruas. Uma semana após as declarações referentes às medidas de proteção e às recomendações da OMS, e mesmo sem casos confirmados no país, o presidente decretou algumas medidas preventivas, tais como: suspensão de comemorações e reuniões com mais de 300 pessoas; suspensão dos vistos estrangeiros e de permanência não essenciais no país, sendo que qualquer um que apresentasse sintoma deveria ser colocado em isolamento obrigatório; proibição de todos os eventos públicos e privados, incluindo reuniões religiosas; uso de equipamentos de proteção individual e

higienização dos ambientes de trabalho; restrição do número de pessoas dentro dos transportes públicos, com uso obrigatório de máscaras; e a criação de turnos de trabalho, evitando aglomerações¹⁰ (ROSARIO, 2020).

Em 20 de março, com o crescente número de casos na África do Sul¹¹, o presidente moçambicano anunciou novas medidas e, assim, todos os vistos foram suspensos, fazendo com que os turistas regressassem aos seus países independente da origem; as reuniões com mais de 50 pessoas foram proibidas e as escolas públicas e privadas tiveram as aulas suspensas por tempo indeterminado. Com a aparição dos primeiros casos da doença em Moçambique, em 22 de março, o país foi colocado em “fase 3”, ou seja, emergência. Dias depois, em 1º de abril, foi decretado o Estado de Emergência por 30 dias, podendo ser estendido (ROSARIO, 2020).

Dentre as medidas adotadas, uma das que mais chamou atenção e tem provocado inúmeros debates é a suspensão das aulas. Em um seminário online, intitulado *Webinar: pensar o país em tempos de crise(s): reflexões e contribuições da diáspora moçambicana?*, Elísio Macamo, sociólogo moçambicano, levanta a seguinte questão: “as medidas adotadas em Moçambique dialogam com a nossa realidade ou é mais um modelo importado dos europeus? As escolas deveriam mesmo estar fechadas?” (MACAMO, 2020). Ivone Bila, deputada moçambicana, diverge deste ponto, afirmando que “Moçambique não é uma ilha, não está isolada do restante do mundo” (BILA, 2020).

Ao pontuarem tais questões, a educação acaba surgindo como ponto principal de debate e análise, a partir do momento em que, com as escolas fechadas e o ensino suspenso, não se tem saídas para a crise educacional e social que as medidas trarão ao país: ao compreenderem a educação como “a arma mais poderosa da revolução”, como pensar na suspensão sem um plano que englobe todas as crianças? Macamo (2020) pontua se tais medidas são, de fato, necessárias para o país e a partir da realidade em que vivem.

Em meio ao debate, o fechamento das escolas, bem como dos demais serviços e acessos da população têm surtido efeito: o número de casos de contaminados pela Covid-19 é um dos menores relatados no continente africano e no mundo, com 6 óbitos até o momento e um total de 688 casos confirmados e 177 recuperados¹². Cabe destacar o asserto dos governantes em tais medidas, como foi apontado em matéria publicada no jornal *O Kwanza*:

¹⁰ O Governo moçambicano criou uma página contendo as medidas adotadas durante a pandemia, de acordo com as recomendações da OMS, intitulada “Medidas sobre o Corona Vírus. Fica atento”. Visualizado em abril de 2020. Acesso em <https://covid19.ins.gov.mz/medidas/>

¹¹ Com o fechamento das fronteiras da África do Sul e de Angola, muitos moçambicanos retornaram ao país.

¹² Dados referentes ao dia 20 de junho de 2020, segundo o jornal DW notícias. Acesso em: <https://www.dw.com/pt-br/as-principais-not%C3%ADcias-sobre-a-pandemia-de-coronav%C3%ADrus-20-06/a-53876672>

Desde que o COVID-19 começou a se alastrar pelo mundo [...] a maioria dos governos [africanos] foi assertiva. Antes que o número de casos confirmados aumentasse, as fronteiras foram fechadas, as aulas suspensas, igrejas e mesquitas foram fechadas, alguns decretaram toques de recolher. O resultado está sendo um incrível sucesso [...] na contenção do vírus [...]. (FONSECA, 2020, s/p).

Embora com resultados positivos, o fechamento das escolas e as questões relativas à educação têm levantado debates por Bila e outros pesquisadores, dentre os quais Paula Meneses, pesquisadora e docente em estudos sociais, que levanta outros pontos:

[...] como fica a educação e as questões sociais com as escolas fechadas? Como se ensinar as crianças sobre a realidade? Um dos trabalhos importantes é o envolvimento das escolas e das comunidades – como explicar o que está a acontecer e quais são as aplicações em nossas vidas? Como isso vai chegar às pessoas? (MENESES, 2020).

Se a escola é colocada como lugar da infância e onde as crianças deveriam estar, creditando ali o potencial para o desenvolvimento delas e do país, seu fechamento e suspensão de aulas acaba sendo um problema social; enquanto direito das crianças e dever do Estado, a suspensão das aulas sem retorno prévio, neste momento de pandemia, acaba sendo uma solução enquanto prevenção de disseminação do vírus, mas um problema enquanto realidade social.

Com o Estado de Emergência decretado e, até o momento, prorrogado, não se tem uma previsão de retorno das crianças às aulas. O Ministério do Género, Criança e Ação Social, a partir de um decreto de 23 de março, aprovou medidas a serem adotadas nas unidades de serviço social, bem como nas de acolhimento, em que se previne o contato com as crianças e entre elas e realiza a divulgação das medidas de proteção ao vírus; porém, a partir do decreto de Estado de Emergência, nenhum novo pronunciamento foi feito¹³. De acordo com declaração da UNICEF Moçambique, em maio de 2020, há preocupações acerca de tais medidas:

O encerramento de escolas em Moçambique a 23 de março afectou mais de 8,5 milhões de estudantes em quase 15.000 escolas, incluindo a pré-escola ao nível universitário. O custo do encerramento total contínuo é elevado: as taxas de violência contra crianças estão em alta, as taxas de nutrição estão em baixa porque as crianças faltam às refeições escolares, e a COVID-19 poderia aumentar o número de crianças fora da escola no país. Sabemos de emergências anteriores que mais raparigas ficam grávidas durante o encerramento das escolas, e após longos intervalos da escola, muitas crianças simplesmente nunca regressam.

¹³ Medidas sobre o Corona Vírus. **Fica atento**. Visualizado em abril de 2020. Acesso em <https://covid19.ins.gov.mz/medidas/>

Até abril de 2020, os órgãos que trabalham em parceria com as políticas e programas infantis no país, como Unicef Moçambique e Save the Children, colocavam a importância da prevenção e cuidados com a higiene e contato, mas enfatizavam que a criança só devia deixar de ir à escola em caso de aparição de sintomas, reforçando a importância de manter as atividades das crianças, indo na contramão do Estado. Sem programas e políticas pensadas para este período de isolamento e distanciamento social, as crianças seguem sem aulas e sem previsão de retorno, e sem assistência direta ou algum auxílio. Com o Estado de Emergência decretado em 1º de abril, a suspensão das aulas foi mantida por 30 dias, ou seja, até dia 1º de maio.

Ao final dos primeiros 30 dias de estado de Emergência, o país passou por uma nova fase de emergência: em 29 de abril, o presidente decretou a prorrogação por mais 30 dias do Estado Emergencial, com a continuidade do fechamento das escolas e dos espaços de diversão e lazer por mais 30 dias, ou seja, de 01 de maio a 01 de junho, totalizando 60 dias de Estado de Emergência. Continuaram proibidos os eventos e aglomerações, com recomendações à população de permanecerem em casa, exceto nos casos de trabalhos essenciais ou questões importantes a serem tratadas; de igual modo, os vistos seguem suspensos, aeroportos fechados e o controle de fronteiras reforçado (LUSA, 2020). Nesse contexto de isolamento, o desejo do retorno às aulas se fez acompanhar de incentivos para a realização das aulas à distância, mas sem grande alcance, uma vez que apenas 22% da população moçambicana tem acesso à internet (TELES, 2020).

Neste período, a Unicef lançou uma nota política intitulada *Os impactos da Covid-19 nas crianças em Moçambique* destacando pontos importantes, tais como: níveis de pobreza, escolaridade e falta de acesso aos materiais disponibilizados pelo Governo para a continuidade escolar, redução do acesso aos serviços de saúde, interrupção no abastecimento de água e no saneamento, insegurança econômica e suspensão escolar prolongadas, situações de crises e de violência, principalmente em Cabo Delgado. Juntamente com esta nota, a Unicef ressaltou a importância do direito ao brincar e as consequências que poderão advir com a restrição do brincar ao ar livre ao desenvolvimento das crianças durante este período.

Tais questões nos fazem refletir sobre as infâncias e pluralidades existentes em Moçambique, com as quais temos dialogado ao longo dos últimos anos, razão pela qual, “com as rupturas e continuidades trazidas e escancaradas pela situação pandêmica, tem-se questionado [...] as infâncias e suas diversidades” (PASTORE, 2020b, s/p) e como o brincar, entendido como direito da criança, tem sido pensado e conduzido neste período.

No final de maio, foi decretada a segunda prorrogação do Estado de Emergência e continuidade das medidas adotadas anteriormente, com a extensão de 01 de junho a 01 de julho. Mais recentemente, em 28 de junho, o presidente Filipe Nyusi anunciou, pela terceira vez, a

prorrogação do Estado de Emergência em todo território nacional. Embora um plano de retorno gradativo às aulas tenha sido feito, ainda não foi efetivado; com isso, as crianças continuam sem aulas presenciais e, em sua grande maioria, sem acesso aos materiais didáticos e impossibilitadas de dar continuidade aos estudos. De igual modo, as políticas para assistência às crianças e garantia dos seus direitos encontram-se estagnadas.

Pensando na configuração do cotidiano das crianças e nas dinâmicas familiares a partir deste contexto, em que a suspensão de aulas acaba sendo um dos principais pontos que atinge as crianças e suas famílias e com a permanência das crianças em casa, o brincar, enquanto atividade das crianças e direito previsto pela Declaração dos Direitos da Criança e pela legislação moçambicana, acaba sendo também questionado: ele ainda ocorre? De que forma? Como as crianças têm brincado? A partir dessas colocações, e com o cenário atual em que o distanciamento social e as medidas adotadas pelo Governo de Moçambique são uma realidade, o brincar surge como um dos pontos de continuidade das pesquisas dentro da área dos estudos das infâncias.

A pesquisa atualmente em desenvolvimento tem como objetivo geral compreender o brincar e suas novas configurações, em meio a pandemia do novo corona vírus, entre crianças moçambicanas. Os objetivos específicos buscam uma compreensão mais detalhada do brincar em situação de isolamento e distanciamento social com as crianças moçambicanas, discutindo os saberes adquiridos e os que se mantiveram na atual configuração, bem como de que forma as crianças têm realizado suas brincadeiras e trocas, com relações intergeracionais e entre pares, quando possível. Integra também os objetivos específicos discutir as diversas atividades das crianças durante este período e suas formas de aprender e compreender, e analisar o lugar da escola nesse momento.

Caracterização e considerações acerca das crianças e suas atividades

Ao trabalhar com as entrevistas, em análise preliminar, foi possível separar alguns tópicos essenciais para as análises que irão se desdobrar a partir do que foi levantado até o presente. Para facilitar a compreensão e análise preliminar neste momento, os dados são apresentados em tabelas, seguindo algumas variáveis e características quanto idade e gênero; condição socioeconômica e escolarização; se continuam a brincar, do que brincam, com quem brincam, se sentem falta de brincar e a atividade que mais tem realizado em casa.

Tabela 1 – Caracterização das crianças quanto ao gênero

Gênero	Quantidade numérica	Porcentagem
Feminino	34	51,5%

Masculino	32	48,5%
-----------	----	-------

Fonte: elaborada pelas autoras a partir de dados da pesquisa.

A caracterização das crianças quanto ao gênero, mesmo não tendo sido uma variável planejada ou mesmo pensada de seleção da participação ou exclusão das crianças no estudo, a divisão acabou ficando equilibrada, conforme observado na tabela.

É importante ressaltar que, mesmo sendo uma amostra pequena de crianças, tais números são significativos a partir do momento que refletem, numa comparação macro, as divisões entre gênero na própria população moçambicana em que, de acordo com o último censo, foi de 52% de predominância do sexo feminino, conforme o Instituto Nacional de Estatística, realizado em 2017.

Embora as crianças apareçam aqui separadas quanto ao gênero, a resposta não foi imediata. Em diversos momentos, principalmente com as crianças menores (dos 3 aos 6 anos), era comum que elas respondessem “sou criança!” à pergunta “é menina ou menino?”. Malik, de 4 anos, respondeu “sou Malik. Não sou menino, nem menina. Sou Malik”. As questões referentes ao gênero são, em grande parte, definições acerca de características que os adultos impõem sobre as definições das crianças e da sociedade, das quais, em alguns momentos, as crianças não partilham. Para as crianças, bastava dizer seu nome – e isso já as caracterizava por definição.

Mesmo não aparecendo como um dado levantado com as crianças, numa conversa paralela às estruturadas no questionário, Malik disse que, se fizesse um desenho de si, o pintaria de castanho: “porque as pessoas são castanhas”. Marley, por sua vez, disse que se pintaria de arco-íris: “porque sim. Porque eu gosto. É bonito. Muitas cores”. Sidolfé, de 15 anos, respondeu que também se pintaria de arco-íris “porque sou feliz. E o arco íris tem todas as cores, porque é feliz, e eu sou igual o arco-íris, uma criança feliz”. O que essas falas me fazem refletir, em paralelo com as definições em gênero, é que, muitas vezes, nós, adultos, acabamos colocando em caixas e terminologias impostas significados que as crianças, em modos diferentes de falar, demonstram que a vida e suas definições não cabem em perguntas fechadas, mesmo em pesquisas que decorrem de forma *online*, com entrevistas semi-estruturadas, e a partir de questionários.

Tabela 2 – Característica quanto faixa etária das crianças

Idade	Quantidade numérica	Porcentagem
3 aos 5 anos	10	15,2%
6 aos 10 anos	26	39,4%

11 – 12 anos	13	19,7%
13 aos 15 anos	16	24,2%

Fonte: elaborada pelas autoras a partir de dados da pesquisa.

A variação entre as idades foi um dado interessante a ser analisado. Foram separados em grupos de acordo com a classificação do censo moçambicano e de acordo com as faixas etárias escolares, para facilitar análises futuras: dos 3 aos 5 anos são as crianças que estariam na pré escola; dos 6 aos 10 as crianças que estariam na escola primária até a 5ª classe; dos 11 aos 12 anos as crianças que acessam a escola primária completa, entre a 6ª e 7ª classe; e dos 13 aos 15 anos as crianças que estariam na escola secundária, da 8ª a 10ª classe. De igual modo, notou-se uma aproximação aos dados oficiais, que prevê que a faixa etária mais populosa das crianças está contida dos 0 aos 10 anos e que, neste estudo, apresenta a faixa dos 3 aos 10 anos com um total de 54,5% dos participantes.

Algumas crianças faziam contas quanto a sua idade. Marley, por exemplo, respondeu de maneira curiosa à pergunta “quantos anos tem?”: “tenho seis anos. Seis. 1, 2, 3, 4. Ih, tenho quatro! Quaaaaaaaatroooooo. Ouviu tia? Quatro!”, seguido de risos. Quando questionado sobre o porquê de ter dito “seis”, Marley respondeu “é que penso muito já”. Helena, de 6 anos, disse que “ah, sabes, agora sou grande. Já tenho 6 anos. Sei de muitas coisas, posso responder as perguntas pra si”. Em suas falas, tanto Marley quanto Helena trazem uma preocupação quanto a idade, num sentido de faixa etária, e a relação com as experiências que tem. Num diálogo com reflexões anteriores, compreendo que as crianças, enquanto sujeitos dos seus processos sociais, culturais, econômicos e historicamente contextualizados e ativos, encontram em suas diversas possibilidades de existências as diferenças entre o que é esperado dentro da sua faixa etária e desenvolvimento com aquilo que elas experienciam, sabem e compartilham.

As crianças menores, na faixa dos 3 aos 10 anos, foram as que trouxeram informações distintas e para além do que foi perguntado no questionário, principalmente sobre o que era o corona vírus, como se pegava (contaminava) e modos de proteção, demonstrando de maneira prática algumas dessas passagens. Há uma troca de ensino-aprendizagem que é perpassada pelo lúdico e que ocupa um espaço na pesquisa peculiar: são as crianças mais novas que tem um entendimento sobre as regras, mas que não se prendem a elas, usando da imaginação e do brincar para a compreensão das situações presentes e para explicarem também.

As crianças mais velhas, por sua vez, respondiam quase dentro de um padrão “corona vírus é um vírus que se passar no ar, por gotículas ou por toque”, enquanto as menores respondiam diversas possibilidades, como “se tocar nas paredes, nos carros ou se brincar sem máscara”, como disse Hélio, de 8 anos, ou mesmo Ilda, de 6 anos, que disse “se brincar mal, há de apanhar corona. Ah não, se brincar mal só apanha da mãe mesmo (risos). Corona se pega com

bichinhos. É um bicho grande, gigante, mas não se vê. Toma cuidado com ele (em tom mais baixo)”.

As diferenças nas idades trouxeram, de forma evidente, os modos como a imaginação estava de forma mais ou menos presente, permeando os imaginários e vivências, tanto nas idades quanto nos modos de se relacionar com as situações de isolamento e distanciamento, nos quais as há espaços de criação e sentimentos de sabedoria e partilha que geram a necessidade de reflexão.

Tabela 3 – Tipo de escola que as crianças frequentam

Tipo de escola	Quantidade numérica	Porcentagem
Escola pública	26	40,2%
Escola privada	40	59,8%

Fonte: elaborada pelas autoras a partir de dados da pesquisa.

A participação das crianças nas escolas é um dado interessante a ser analisado. Das 66 crianças participantes, a maior parte estuda em escola privada, o que, conforme análise preliminar, indica que as crianças pertencem às classes sociais média-alta do país. Em diálogo com a Tabela 4, é importante notar que as crianças que continuaram com atividades escolares e ano letivo regular são aquelas que estudam nas escolas privadas, sendo que as de escola pública tiveram as aulas suspensas.

Em relação às escolas, uma das crianças disse “pública? Privada? O que é isso? Eu não sei o que é isso. Estudo na escolinha”. As crianças mais velhas logo respondiam o nome da escola, como foi o caso de Alberto, que disse “estudo na escola secundária da Matola A”. O termo “público” ou “privado” parece, a meu ver, um termo que precisa seguir de uma explicação. Neste sentido, as mães foram essenciais para a explicação, complementando com “a tua escola, a mãe paga ou é de graça?”, no que as crianças logo respondiam “é paga” ou “não se paga, pagas?”, e as mães diziam “então é privada” ou “é pública”, respectivamente.

Tabela 4 – Relação entre tipo de escola e atividade escolar durante a pandemia

Atividade escolar	Quantidade numérica	Porcentagem
Aulas suspensas	26	40,2%
Continuidade das aulas	40	59,8%

Fonte: elaborada pelas autoras a partir de dados da pesquisa.

As crianças que estão com as aulas trouxeram a dificuldade de não terem aula, de não conseguirem estudar em casa e de ser “um ano perdido”; por sua vez, as crianças das escolas

privadas, em todos os seus níveis, permanecem com as atividades escolares, com os TPCs, com atividades extracurriculares (como aulas de línguas estrangeiras) e reforço do ensino em casa.

Luana, de 7 anos, estudante de escola privada, diz que “meu dia-a-dia continua igual: estudo, só não vou a escola, faço aulas *online* pelo zoom ou WhatsApp, tenho aulas de inglês, aulas de dança, tenho TPC. Só não vou à escola, mas queria ir. Quero ver meus colegas e brincar com minha melhor amiga”. Essa fala, de forma ilustrativa, reflete a falar de muitas crianças que frequentam a escola privada, de diferentes idades. Aymar, de 12 anos, refere que “tá tudo igual, nada mudou. Só não vou à escola e à madrassa¹⁴, mas tenho aula das duas e atividades também. O bom é que, agora, dá para levar trabalho na viagem. Sinto falta de jogar futebol com meus amigos e dos campeonatos só”.

Em contrapartida, as crianças da escola pública referiram não estarem tendo aula e nem explicações dos professores, o que dificulta a compreensão das matérias. O reforço e apoio que elas têm são as fichas escolares, que funcionam como cópias de exercícios para serem feitos em casa, mas que, sem ajuda, não conseguem fazer. Livio, de 15 anos, diz que “esse ano tá perdido. Não aprendemos nada, não estudamos nada. Só podemos repetir e começar tudo de novo”. As crianças também referem que, assim que acabar a pandemia, vão poder “voltar à escola. Ver os amigos, brincar e estudar”, retomando a importância da escola e seu lugar físico para o ensino, permeado também por questões que envolvem as diferenças socioeconômicas e culturais das famílias e de suas condições estruturais.

Tabela 5 – Relação das crianças com o brincar durante a pandemia

Como tem sido o brincar?	Quantidade numérica	Porcentagem
Continuam a brincar	56	84,8%
Não brincam	8	12,2%

Fonte: elaborada pelas autoras a partir de dados da pesquisa.

A grande maioria das crianças refere que, mesmo em tempos de pandemia, continuam a brincar; algumas referiram que “brincam muito!” e que o tempo que estão em casa tem sido proveitoso para isso; mesmo sendo um número menor, é importante destacar as crianças que consideram não estarem mais brincando e que levantam a hipótese de, para além de não estarem desenvolvendo uma das principais atividades, tem um de seus direitos negados: o brincar.

Nesta análise preliminar é interessante pensar que, em diálogo com a tabela abaixo, as crianças que consideram que “continuam a brincar” tem uma preferência pelo brincar antes da

¹⁴ Escola ensino islâmico, religioso.

pandemia, enquanto as que afirmaram que não brincam mais oscilaram entre preferir brincar antes e sentir falta do brincar.

Kaio, de 7anos, disse que “agora eu brinco muuuuuuuuuuuuutoooo” e que o que mais gosta na pandemia é que pode “brincar no terreno da casa do seu primo e jogar basquete sem que tenha que ir à escola”. Ayanna, de 8 anos, refere que “agora brinco muito. Aprendi a brincar sozinha, com minhas bonecas, no computador. Gosto de brincar agora”. Tanto Kaio quanto Ayanna pertencem à classe social mais alta; Ana Jaime, de 10 anos, diz que ainda brinca, mas que já não gosta muito, afirmando que “agora já nem posso brincar mais, nem sair pra visitar meus primos”. Alberto, de 11 anos, diz que “quero que o vírus acabe, porque quero voltar a brincar. Já não se brinca mais como antigamente”.

Além dos períodos para poderem brincar e terem um tempo maior, as crianças de classes mais altas têm brinquedos e espaços maiores para poder brincar, realidade contrária das crianças de classes mais baixas, como Ana Jaime e Alberto, que entendem que, ao ficar em casa, nem conseguem brincar, uma vez que este estava baseado no estar nas ruas e na comunidade, em relação. As condições socioeconômicas interferem e diferem também as vivências referentes ao brincar no isolamento.

Tabela 6 – O que distinguem sobre o brincar

Sobre o brincar	Quantidade numérica	Porcentagem
Preferem brincar agora com a pandemia	17	25,8%
Preferiam brincar antes da pandemia	41	62%
Mesma coisa	2	3%
Sentem falta de brincar	4	6%

Fonte: elaborada pelas autoras a partir de dados da pesquisa.

Embora algumas refiram que agora brincam muito, ainda preferem quando brincavam antes, por poderem brincar nas ruas e em companhia de amigos. As crianças que relataram sentir falta de brincar levantaram o ponto de brincar sozinhos e sentir falta dos amigos, o que as faz preferir brincar antes (62%).

As crianças menores afirmaram que gostam de brincar mais agora (25,8% do total das crianças), bem como as que continuam com as aulas (classe social mais alta), por terem mais tempo para brincar e por terem companhia dos irmãos mais velhos. A relação entre as crianças nos momentos do brincar, mesmo que em casa, se torna fator importante de análise delas próprias.

O número de crianças que sentem falta do brincar, embora numa percentagem pequena, é um dado interessante a ser analisado futuramente, bem como as que consideram que continua a mesma coisa, apontando para sentimentos e emoções que podem aparecer nessas relações que não foram considerados e explorados num primeiro momento.

Kiane, de 9 anos, disse que preferia brincar agora: “agora é bom. Posso ficar e fazer os trabalhos quando eu quiser, e brincar também. Posso brincar quando eu quiser, posso assistir quando eu quiser. O tempo agora é mais longo”, dando informações importantes sobre a ocupação do tempo pela escola e as atividades escolares, cerceando o brincar e o tempo de ocorrer. Nestor, de 6 anos, preferia brincar antes, pois, segundo ele, “eu podia ir ao parque, brincar no escorrega, brincar com meus amigos. Agora brinco de montar lego, muito sozinho. Tenho saudades de ver o parque e meus amigos de lá”. Embora ambos pertençam às classes mais altas, há uma diferenciação em suas falas que nos fazem refletir sobre o tempo que a escola tem ocupado e como o brincar pode ficar ocultado, e também onde as crianças tem brincado e que, com o isolamento, acabam ficando mais dentro de casa ou dos apartamentos.

As crianças cujas famílias possuem situação socioeconômica de maior precariedade afirmaram preferir, em sua grande maioria, brincar como faziam antes. Abiba, de 11 anos, refere que “ih, animava brincar antes, nos tempos de diversão! Agora anima nada brincar. Ficar em casa, sem ver amigos? Ih, nem é brincar isso”. Sua fala vai ao encontro do que Helio, de 8 anos, disse “agora nem é bom brincar. Já não se brinca como antes, não pode correr, brincar de *zotho* (pega-pega), de esconde. Quero que o vírus acabe pra eu voltar a brincar”. Watisso, de 9 anos, disse que “agora tenho muito tempo. Fico a construir meus *txinzdiris* (peões), mas já nem tenho com quem brincar. Estou a guardar para brincar com meus amigos depois”. Um dos pontos que merecem destaque é quanto ao brincar ao ar livre como parte do cotidiano das crianças que vivem nas comunidades e estão sempre em relações com os ambientes, os espaços e as outras crianças e que, com a pandemia, o brincar livre tornou-se limitado, assim como a expressão da imaginação, criação e criatividade.

Em contrapartida, algumas crianças têm experimentado a criatividade e a criação de brincadeiras, como contaram algumas delas (todas de classe mais alta). Ak'llya, de 8 anos, contou que, dentre as brincadeiras que mais gosta no momento, está a do corona vírus: “é uma brincadeira que minha irmã mais nova inventou. Escolhemos uma de nós para ser o corona vírus e nós (irmãos) tem que correr. Não pode tocar na parede nem na cara, senão morre. Se ela pegar na nossa mão, perdemos. Só ganhamos se lavar as mãos antes”. Os momentos de crise e de apreensão também podem reverberar nas crianças o uso da imaginação e da exploração de sentidos, importante na ressignificação e criação de sentidos.

Tipo de atividade	Quantidade (n°)	Porcentagem (%)
Aprender a ler e escrever	7	10,6%
Assistir televisão	11	16,6%
Atividades domésticas (varrer, lavar pratos, lavar roupas)	10	15,1%
Brincar	4	6%
Cozinhar	8	12,1%
Dormir	1	1,5%
Mexer no computador ou videogame ou telefone	13	19,7%
Passar tempo com a família	5	7,6%
Pintar e/desenhar	3	4,5%
Sair para vender	1	1,5%

Fonte: elaborada pelas autoras a partir de dados da pesquisa.

Entre as atividades que as crianças têm realizado no dia-a-dia, algumas principais foram aparecendo e agrupadas na tabela acima. Curioso perceber que muitas crianças, independente da classe social, tem passado tempo aprendendo a cozinhar e a realizar as tarefas domésticas. As que tem utilizado o computador, telefones ou videogames são, majoritariamente, as de classe social mais alta, e que não associam o estudar ao uso do computador, levantando essa atividade em horários além das atividades escolares.

Uma das atividades consideradas pelas crianças como uma das principais tem sido assistir televisão, e não tem sido uma divisão entre classe social baixa e média-alta: ambas responderam que assistem televisão, sendo que, as classes de menor poder aquisitivo, acabam utilizando deste recurso para assistirem aulas disponibilizadas pelo Governo. Algumas crianças ressaltaram passar tempo com a família como atividade realizada, bem como aprender a ler e escrever. Ambas atividades foram elencadas por crianças de classe média alta. O brincar ainda aparece aqui, mesmo sendo investigado e explorado em tópicos anteriores, o que nos faz levantar a hipótese de as crianças considerarem o brincar como atividade principal dentro do cenário da pandemia.

O uso do computador aparece, em quase todas as falas, em momentos distintos das atividades escolares. Ak'liyya, de 8 anos, usa o computador para “tirar fotos, fazer vídeos de magia, brincar. Faço muitos vídeos. É só brincar só”; Nalik, de 11 anos, refere o uso do computador para “fazer meus projetos. Estou desenvolvendo uma língua nova e usar o computador me ajuda”. O uso dos aparelhos eletrônicos, com acesso à internet, tem sido um diferencial entre as crianças de classes mais altas, como possibilidade de conhecer outros

mundos, como relatou Fernando, 8 anos, ao dizer que “agora conheço muito a geografia. Vi que o Brasil é muito grande, e que a Alemanha já tem menos casos de corona que aqui”. As informações e produções das crianças tem ampliado em linguagens e sentidos, mas que ficam em apenas uma das classes sociais participantes. Isso ressalta a falta de acesso das crianças com menor poder aquisitivo, a novas e à diversificação de oportunidades, viabilizadas ou ampliadas pela frequência cotidiana da escola e pelo uso ampliado de tecnologias digitais.

Quanto às atividades domésticas, as crianças de classe mais baixa mantiveram a rotina: varrer a casa, limpar, lavar louça etc.; as crianças de classe mais alta começaram a desenvolver tais atividades neste momento de pandemia, entendendo estes momentos como algo divertido. Por exemplo, Helena, de 6 anos, que diz que “agora aprendo muitas coisas novas. A arrumar a cama, não brigar com meu irmão, comportar bem. Estou aprendendo muitas coisas. Hoje vou varrer a sala, né mãe?”. Do mesmo modo, o cozinhar tem sido algo levantado quanto às atividades aprendidas neste momento, principalmente quando as crianças fazem bolos com suas mães, como disse Ayanna, afirmando que “agora posso ser boleira como minha mãe. Já sei fazer muitos. Hei de fazer quando vieres”.

As crianças mais novas, entre os 4 aos 7 anos, levantaram a aprendizagem da leitura e escrita como uma das atividades deste período, com a ajuda principalmente das mães e pais. Marley disse, durante a entrevista, que “não posso mais falar, tenho um jornal para ler. Tchau, já tá bom, falamos depois”, pegando um folheto de propaganda e se retirando de cena; Inês, de 4 anos, escreveu o “a, e, i, o u”, ensinando como eram as letras e que era o que mais gostava de fazer neste momento. Tais atividades não foram relatadas pelas crianças de classes mais baixas, que mantiveram atividades rotineiras, principalmente as voltadas aos fazeres domésticos.

Conclusão

A análise aponta para um panorama da realidade de acomodação de novas dinâmicas de vida de crianças moçambicanas em meio urbano, a partir de Maputo e Matola. Contudo, é importante ressaltar que há diferenças socioeconômicas e culturais entre elas, assim como no modo como se operam as transformações de vida que coincidem, sobretudo, com a diferenciação de classes e de condições sociais das famílias e das crianças que participaram desse estudo.

A realização desta etapa da pesquisa, caracterizada pela análise quantitativa dos dados até o momento constituídos, possibilitou caminhos para iniciar processo de visibilização de perspectivas de crianças diante da pandemia, em que o brincar emerge como uma das atividades significativas. Importante compreender como a pandemia tem afetado não a penas suas vidas, mas as percepções sobre aquilo que as rodeiam e delineiam seus cotidianos.

As entrevistas realizadas – bem como os desenhos - serão oportunamente trabalhadas de modo qualitativo. Cabe ressaltar, porém, que no processo de pesquisa, houve demonstração de uma compreensão substantiva das crianças que, colaboraram e dialogaram, indicando grande plasticidade na elaboração das dificuldades derivadas das mudanças cotidianas, da distância de familiares, professores, amigos e amigas.

A relação com as mães e a mediação na pesquisa foram essenciais para facilitar o contato com as crianças. As mães mostraram-se ativas na construção de relações possíveis mesmo em situações de medidas sanitárias restritivas de convivências presentes no processo de distanciamento social, permitindo que a pesquisa chegasse até as crianças e garantindo suas participações. Das crianças participantes, apenas 3 pais participaram desse lugar de mediação, levantando questões acerca do silêncio dos homens nessas situações.

Enquanto política, o brincar tem aparecido como essencial no desenvolvimento infantil e para um desenvolvimento integrado da criança, colocado como parte de sua formação enquanto cidadã e em seu processo de socialização. Embora as políticas tragam o brincar e a infância, a partir de uma ordem normativa, o brincar é pensado como um dos principais meios de desenvolvimento e enquanto dispositivo de atenção e de proteção das crianças, tendo que ser assegurado pela sociedade e pelo Estado, conforme documento da Constituição da República de Moçambique, de 2004.

Durante a pandemia, não apenas o cotidiano das crianças foi modificado, mas também seus modos e espaços de brincar. As crianças falam sobre o brincar como uma das principais atividades, embora se tenham se modificado após a pandemia. Elas apontam, dentre as principais queixas, o fato de que experimentam restrições em um brincar que não é livre enquanto espaço e movimento. Ganham, contudo, em alguns casos, um sentimento de ampliação de tempo devido à suspensão de aulas e de algumas atividades em casa. O tempo para o brincar, para algumas das crianças, tornou-se maior; para as crianças menores esse tempo tem sido aproveitado para conviver e brincar mais com as/os irmãs/os mais velhas/os e com os seus pais, principalmente, no novo cotidiano de crianças cujas famílias possuem condições socioeconômicas favoráveis.

Pastore (2020, p. 136) afirma que “as condições em que as crianças vivem, com ênfase na socioeconômica, diz dos modos como elas vão produzindo significações e valores dentro de seus cotidianos e contextos, e o modo como vão criando formas de resistências àquilo que lhes é imposto”. As vivências na pandemia e com o isolamento social tem feito as crianças se recriarem em modos de ser e de experienciar esse ser criança neste tempo de agora, em que o brincar é cerceado, com limites geográficos e em contato restrito.

Apontado enquanto produção cultural de criação, o brincar é construção fundamental no exercício constitutivo de troca de saberes e renovação de laços na ecologia das relações com

peças, ambiente e coisas. Em momentos de confinamento, ocasionados pela pandemia, as crianças inventam modos novos de agir e de se relacionar com o tempo-espaço do brincar para de fazer dele um campo de significações. Brincar em espaços restritos, bem como tem sido as possibilidades relacionais, tem incomodado as crianças que se interrogam e interrogam esses momentos de sentimento de falta de expressão de liberdades, criação e sentidos. As modificações podem, igualmente, tornarem-se significativas e impulsionar inovação, principalmente no imaginário e no movimento das narrativas e da indagação da memória, tanto de forma individual quanto grupal.

A pesquisa sobre o brincar, suas linguagens e seus modos de existir e resistir devem alcançar, também, dialogias intergeracionais, sentimentos e os momentos nas perspectivas que crianças experimentam o enfrentado na pandemia. Enquanto sujeito ativo participativo, suas relações e sentimentos, não podem ser esquecidas ou silenciadas pois desenvolvem estratégias diante de suas realidades e suas vivências. É preciso oferecer espaços de escuta de crianças, atentando para seus contextos e diferenças de linguagens, formas expressivas, situações socioeconômicas, e, ainda, buscar equidade e combater as desigualdades estruturais. Estas podem ser ampliadas se políticas adequadas e sensibilização para o tema sejam negadas em sua urgência e significado. O distanciamento é medida paliativa e perigosa tanto para a vida situações imediatas ligadas à violência doméstica quanto para a viabilização de oportunidades e de futuro de crianças, garantia de direitos de acesso diversos, entre estes, a educação e o brincar criativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, Angela M. Culturas da infância nos espaços-tempos do brincar: estratégias de participação e construção da ordem social em um grupo de crianças de 4-6 anos. **MOMENTO - Diálogos em Educação**, Vol. 18, p. 35-55, 2006/2007.

CARTA AFRICANA DOS DIREITOS E BEM-ESTAR DA CRIANÇA. Adoptada pela Vigésima Sexta Sessão Ordinária da Assembleia dos Chefes de Estado e Governo da Organização da Unidade Africana, Addis-Abeba, Etiópia - julho 1990.

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA. Adoptada pela Assembleia Geral nas Nações Unidas em 20 de novembro de 1989 e ratificada por Portugal em 21 de setembro de 1990.

FONSECA, Mariana B. O sucesso do continente africano no combate à pandemia do Século XXI. **O Kwanza**. Visualizado em maio de 2020. Acesso em <https://www.jornalokwanza.com/capa/o-sucesso-do-continente-africano-no-combate-a->

pandemia/?fbclid=IwAR1hI7dtF2FBZGTvUdNwsF8VNEvGwDMddTpju16YZk9mdove6R6qg-OPNc

KOZINETS, Robert. V. Netnografia [recurso eletrônico]: **realizando pesquisa etnográfica online** / Robert V. Kozinets; tradução: Daniel Bueno; revisão técnica: Tatiana Melani Tosi, Raúl Ranauro Javales Júnior. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Penso, 2014.

MINAYO, Maria Cecília S. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8ª edição. São Paulo: Hucitec, 2004.

PASTORE, Marina. N. Brincar-brinquedo, criar-fazendo: entrelaçando pluriversos de infâncias e crianças desde o sul de Moçambique. **Tese de Doutorado**. Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional. Departamento de Terapia Ocupacional. Fevereiro, 2020a.

_____. Infâncias, crianças e pandemia: em que barco navegamos? **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional/Brazilian Journal of Occupational Therapy**, Preprint, 2020b. Acesso em <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/919/1285>

PIRES, Flávia. F. **Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica**. **Revista de Antropologia**. vol.50 no.1 São Paulo Jan./June 2007.

RIFLOTIS, Theophilos. **Etnografia no Ciberespaço como “Repovoamento” e Explicação**. In: **Políticas etnográficas no campo da cibercultura** / organizadores Jean Segata, Theophilos Rifiotis. – Brasília: ABA Publicações; Joinville: Editora Letradágua, 208p. 2016.

ROSARIO, Carmeliza. Mozambique and Covid-19: is government transparency on the rise? **Coronetimes**. Visualizado em abril de 2020. Acesso em <https://www.coronetimes.net/covid-19-in-mozambique-towards-increasing-state-transparency-and-legitimacy/>

SARMENTO, Manuel. J.; PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo”. In: _____. **As crianças: contextos e identidades**. Braga. Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho. 1997.

DEMAIS REFERÊNCIAS

BILA, Inês. “**Webinar: pensar o país em tempos de crise(s): reflexões e contribuições da diáspora moçambicana?**”. Encontro virtual. Plataforma zoom. Abril de 2020.

INE. Instituto Nacional de Estatística. **Resultados definitivos do IV Recenseamento geral da População e Habitação**. Maputo. Moçambique. 2017. Visualizado em: <http://www.ine.gov.mz/> . Acesso em novembro de 2019.

LUSA. Covid-19. Moçambique prorroga estado de emergência por mais 30 dias. **Mundo ao Minuto**. Acesso em <https://www.noticiasao minuto.com/mundo/1497445/mocambique-prorroga-estado-de-emergencia-por-mais-30-dias>

MACAMO, Elísio. “**Webinar: pensar o país em tempos de crise(s): reflexões e contribuições da diáspora moçambicana?**”. Encontro virtual. Plataforma zoom. Abril de 2020.

MENESES, Paula. 2020. “**Webinar: pensar o país em tempos de crise(s): reflexões e contribuições da diáspora moçambicana?**” Encontro virtual. Plataforma zoom. Abril de 2020.

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. **Constituição da República de Moçambique**, 2004. Acesso em março de 2020. Visualizado em <http://www.cconstitucional.org.mz/Legislacao/Constituicao-da-Republica>

_____. Medidas sobre o Corona Vírus. **Fica atento**. Visualizado em abril de 2020. Acesso em <https://covid19.ins.gov.mz/medidas/>

TELES, Nair. Discussões sobre a situação do corona vírus em Moçambique. Webinar: **Moçambique e pandemia**. Plataforma zoom. 2020.

UNICEF. Informações sobre o coronavírus. **COVID-19 e crianças**. Visualizado em maio de 2020. Acesso em <https://www.unicef.org/mozambique/informa%C3%A7%C3%A3o-sobre-o-coronav%C3%ADrus-covid-19>

_____. **Os impactos da COVID-19 nas crianças em Moçambique**. Acesso em <https://www.unicef.org/mozambique/historias/os-impactos-da-covid-19-nas-crian%C3%A7as-em-mo%C3%A7ambique>

DOCUMENTOS ANEXOS

Questionário para crianças sobre a pesquisa “brincar em meio a pandemia: configurações acerca das dinâmicas infantis em Moçambique”.

Nome:

Idade:

Se quer participar da pesquisa:

Onde vives?

Se sim, pode me contar um pouco o que é a pandemia para você?

E o que é quarentena:

O que é esse vírus?

O que é corona vírus?

Como se pega?

O que você tem feito no dia-a-dia?

O que mudou?

O que continua igual?

O que queria que fosse diferente?

Qual a pior parte do vírus?

Tem algo bom?

Em que escola estuda?

Você tem aula?

O que aprendeu agora que não aprendeu na escola?

Tem brincado?

Como brinca?

Com quem brincar?

Do que mais gosta de brincar?

Gostava mais de brincar antes ou agora?

Fica sozinha ou vê outras pessoas?

O que mais gosta de fazer agora?

O que menos gosta?

O que vai fazer assim que acabar a pandemia desse vírus?

Recebido em: 30/06/2020

Aprovado em: 15/07/2020